MONTAGUE SUMMERS

HISTÓRIAS SOBRENATURAIS

FREE BOOKS

MONTAGUE SUMMERS

HISTÓRIAS SOBREBRENATURAIS

Tradução de Paulo Soriano

Free Books

2023

CRÉDITOS

Título: Histórias Sobrenaturais.
Autor: Montague Summers (1880 – 1948).
Tradutor: Paulo Soriano.
Ilustração da capa: Frans Francken, o Jovem (1581 – 1642).
Editora: Free Books Editora Virtual.
Ano de Publicação: 2023.
Local de publicação: Salvador/BA.
© **da tradução:** Paulo Soriano, 2023

SUMÁRIO

CRÉDITOS 3

A MARCA DO LOBISOMEM 5

O LOBISOMEM PETER STUMPP 14

UM LOBISOMEM EM PALERMO 21

UM FATÍDICO CASAMENTO 23

CHANG KUEI E A MORTA-VIVA 25

UM VAMPIRO DA CHINA 27

A MARCA DO LOBISOMEM

Oswald Frederick Crawfurd, cônsul britânico no Porto, relata uma história de lobisomens que lhe foi contada por um fazendeiro, em cujo casarão recebeu a generosa hospitalidade portuguesa[1].

Um jovem agricultor trabalhava numa fazenda, perto de Cabração, entre as montanhas de Estrica, um dos distritos mais silvestres de Portugal, cujo dono havia desposado recentemente uma jovem dama. Quando se aproximava a hora de o seu primogênito vir ao mundo, tornou-se necessário contratar uma mulher para auxiliar a esposa nas muitas tarefas domésticas. Assim, o jovem ajudante foi mandado para a cidade mais próxima, Ponte de Lima, com a ordem de contratar a primeira jovem e robusta serviçal que encontrasse.

---

[1] *Travels in Portugal*, sob o pseudônimo de John Latouche.

Durante o seu percurso, ele viu, sentada à beira do caminho, uma provável serviçal envolta em um manto castanho, com a qual entabulou uma conversa. Apresentando-se como Joana, disse que era natural de Tarouca, nas montanhas da Beira, e estava à procura de uma boa ocupação como empregada doméstica no distrito. O intento da moça parecia vir exatamente em cumprimento da missão atribuída ao jovem companheiro. Tendo isto em conta, ele sugeriu à jovem que se apresentasse ao seu patrão. Ela o fez, e, embora o fazendeiro notasse algo de estranho no olhar da jovem, a moça tomou o lugar da patroa por um tempo, cuidando da cozinha e do trabalho doméstico, porquanto, além de robusta, parecia muito disposta a ajudar.

No devido tempo, a criança nasceu. Era um belo e saudável garoto, muito apreciado e prodigamente admirado por todos os vizinhos, salvo por uma senhora idosa — uma sábia mulher —, que percebeu algo de estranho assim que viu o recém-nascido. Quando perguntada sobe a causa daquele estranhamento,

disse claramente que a criança estava enfeitiçada. Todos riram daquilo, mas a senhora idosa asseverou que a criança trazia a marca do Diabo. Entre as omoplatas do bebê havia, realmente, uma pequena lua crescente — ou meia-lua —, que parecia ter sido de alguma forma tatuada ali e afigurava-se indelével. A alegria transformou-se em consternação, mas a sábia senhora confortou os admirados pais com gentileza, aconselhando-os a vigiarem cuidadosamente a criança no berço, durante o período da Lua nova, já que — disse ela — não havia motivo para preocupação em nenhuma outra época do ano. Assim foi feito, e passaram-se dois ou três meses sem que nada de mal houvesse acontecido.

Observou-se, casualmente, que, desde o primeiro contato, a empregada Joana exibia a maior animosidade para com a velha senhora e, sempre que esta visitava a casa, a nova empregada conservava-se o tempo inteiro no lado de fora, ou, então, apressava-se em sentar-se, taciturna, no escuro, com seu grande manto castanho puxado por cima do rosto.

Mas não diziam nada, já que a moça era extremamente temperamental, e, quando em fúria, os seus olhos, que eram singularmente estreitos e oblíquos, literalmente brilhavam em fogo, enquanto a jovem rosnava palavras raivosas. Mas a moça sempre exibia um comportamento respeitoso para com os patrões, e, em muito pouco tempo, tornou-se íntima confidente de sua senhora.

Certa manhã, a dama lhe confiou o segredo que, para a sua imensa surpresa, a velha mulher lhe revelara. A moça respondeu:

— Ai de mim, senhora! Na verdade, é algo de que eu já sabia há muito tempo, mas que temia contar-lhe. As crianças com essa marca se transformam em lobisomens.

— Há algo que possamos fazer para evitá-lo? — perguntou, ansiosamente, a senhora.

— Sim, há algo que pode ser feito. Devemos cobrir a marca com o sangue de um pombo branco, despir a criança e colocá-la sobre um cobertor macio na encosta da colina, assim que a Lua nova se erguer no céu, depois

da meia-noite. Então, a Lua atrairá a marca através do sangue, assim como ela atrai as ondas do mar, e o encanto estará quebrado.

A fim de salvar o filho da sina de lobisomem, o fazendeiro e sua esposa, após uma conversa, decidiram seguir aquele conselho. Alguns dias depois, houve Lua nova. Os pais participaram o que haviam planejado a alguns criados e, destes acompanhados, puseram o bebê, que dormia envolvido num cobertor, na encosta de uma colina próxima à casa, enquanto a tênue foice prateada da Lua ainda permanecia abaixo do horizonte daquela noite de verão. Feito isso, eles voltaram para casa, pois nenhum olho humano deveria contemplar o mágico feitiço em ação.

O fazendeiro, é verdade, externou a preocupação com a possibilidade de haver lobos por perto, mas os seus homens o tranquilizaram, pois, há muitos anos, nenhum vestígio de lobos era visto em toda a vizinhança, por muitas léguas ao redor. Mesmo assim, ele tomou o seu velho bacamarte e o encheu de pregos enferrujados, à falta de outra munição.

Mal havia carregado a arma quando se ouviu um choro lastimoso vindo do lugar onde haviam deixado a criança. Tendo todos saído, às pressas, de casa, viram, à luz da Lua nova, no topo da colina, um enorme lobo castanho, lúgubre e esguio, parado sobre o corpo do bebê. As presas mornas do animal gotejavam sangue e os seus olhos estreitos cintilavam com o fogo do inferno.

Enquanto a besta se afastava silenciosamente, o pai, enlouquecido, atirou. Pouco antes de refugiar-se na floresta, a fera, atingida, soltou um prolongado uivo e caiu, rolando na colina.

Um dos empregados, que empunhava um porrete robusto, correu para abater a fera, mas só conseguiu desferir-lhe um forte golpe na pata dianteira, enquanto o animal uivava e se recolhia, claudicante, na escuridão.

A criança estava morta. Tinha a garganta horrivelmente mutilada e o cobertor encharcado de sangue.

Quando, vergados pelo pesar, levaram o minúsculo cadáver para casa, deram-se conta

de que Joana não estava entre eles. Na verdade, já fazia algum tempo que ela não era vista. Então, a horrível verdade perpassou todos os presentes: a jovem mulher era uma bruxa amaldiçoada, uma prostituta de Satanás que, tomando a forma de um lobo, matara a criança, imbuída de um propósito sombrio.

Ao raiar do dia, os homens seguiram a trilha do lobo ferido na floresta. A cerca de dez passos do local para onde o animal se arrastara, estava Joana, deitada no chão e coberta de sangue. Ela imediatamente declarou que se escondera atrás das árvores para vigiar a criança, temerosa de que algum mal lhe ocorresse; então, ouviu o lastimoso choro da criancinha e correu em sua direção, enquanto a Lua nascia. Viu, então, o lobo saltar furtivamente. Ao som da arma, ele se virou e fugiu, enquanto ela recebia toda a descarga, caindo ferida.

Estas, é claro, eram mentiras insufladas pelo Diabo. A moça não conseguia explicar por que o seu braço direito estava ferido, e quase quebrado, no lugar em que o rapaz des-

ferira o golpe com o porrete. Além disso, ele não vira — como jurou depois — os próprios olhos de Joana brilhando na face lobo, quando o animal, em fúria, voltava-se para ele?

Por caridade, mandaram chamar o padre, mas ela morreu antes que o clérigo pudesse chegar ao local, e a enterraram ali mesmo. Antes que a terra fosse lançada sobre o seu cadáver, a sábia mulher, que viera vê-la, apontou para a marca do lobisomem, plenamente visível, no peito da garota. Ela era, evidentemente, um dos lobisomens de Satanás, uma bruxa ativa há muito tempo.

A velha senhora acrescentou que, se já houvesse visto antes os olhos da garota, saberia, imediatamente, o que realmente era aquela pérfida mulher, pois todos os lobisomem adquirem os olhos estreitos e oblíquos dos lobos, além de sua fisionomia selvagem.

Ela explicou, ainda, que, se um lobisomem consegue matar e beber o sangue quente de um recém-nascido, o encanto se quebra prontamente, e ele deixa de ser um licantropo.

O padre, que até então não havia sido informado sobre a origem da nova criada, declarou o quão ingênuo fora o fazendeiro, principalmente por se envolver com uma mulher de Tarouca, lugar conhecido como um imundo ninho de bruxas e feiticeiros.

O LOBISOMEM PETER STUMPP

No final do século XVI, uma criatura aterrorizava a cidade de Bedburg, Alemanha. Com indescritível crueldade, matava gado, mulheres e crianças. Em choque e assustados, os moradores acreditavam que eram vítimas de um demônio furioso saído do inferno ou — o que era igualmente terrível — de um lobisomem sanguinário.

Peter Stumpp nasceu na pequena vila de Epprath, bem perto da cidade de Bedburg. Desconhece-se a data exata de seu nascimento, porquanto os registros da igreja local foram destruídos durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Em 1582, Peter Stumbb era um rico fazendeiro que prosperava na comunidade rural de Bedburg. Era viúvo e pai de dois filhos: uma mocinha chamada Beele (Sybil), de cerca de quinze anos, e um filho cuja idade se desconhece. Aparentemente, Stumpp teve um relacionamento íntimo com Katharina Trump, uma parente distante. Era

ele um homem respeitado por seus concidadãos e sua riqueza garantia-lhe uma certa influência.

Na época, católicos e protestantes estavam em guerra. Isto levou os exércitos de ambas as religiões para Bedburg. A Peste Negra assolou a cidade e a morte não era estranha aos habitantes da região.

Por muitos anos, os camponeses que viviam ao redor de Bedburg assistiam, impotentes, às misteriosas mortes que dizimavam o seu gado. Com regularidade, eles descobriam seus animais selvagemente estripados. Muito naturalmente, os camponeses estimavam que lobos, provavelmente famintos, eram os autores daqueles massacres.

Foi quando as crianças começaram a desaparecer das casas e das fazendas, e as jovens mulheres dos caminhos que percorriam diariamente. Algumas jamais foram encontradas. Contudo, às vezes, alguns corpos — horrivelmente mutilados — eram descobertos.

O pânico, então, se espalhou pela comunidade. Enquanto alguns ainda culpavam os

lobos pelo assassínio, outros afirmavam que eram obra de uma criatura muito mais terrível. Provavelmente, um lobisomem estava escondido, entre eles, em sua forma humana. Era um homem que se transformava em lobo para satisfazer seus vis apetites, e estes pareciam evoluir ao longo dos anos.

Os aldeões se armaram para se proteger dessa criatura maligna; muitos grupos de caça, em vão, foram organizados.

Em 1589, após encontrarem o corpo de uma jovem grávida estripada, os homens saíram para, novamente, caçar aquela besta. Foi quando, subitamente, vislumbraram a silhueta de um lobo, que andava sobre duas pernas. Atiraram os cães contra o animal, que acabou por capitular e render-se. Mas, para a surpresa de todos, a criatura presente não era um lobo. Ele era um homem, um homem que usava um estranho cinto de pele de lobo e cujo nome era Peter Stumpp.

As torturas aplicadas em Peter Stumpp, para fazê-lo confessar os seus crimes, estavam entre as mais terríveis e sinistras. Sob tortura,

admitiu ter praticado magia negra desde os doze anos e afirmou que o Diabo lhe havia ofertado um cinto mágico, que lhe permitia transformar-se em "um lobo faminto, voraz, forte e poderoso, com grandes olhos que brilhavam como fogo na noite; lobo de boca grande, provida de dentes afiados e cruéis; lobo dotado de um corpo gigantesco e pernas poderosas." A remoção do cinto permitia que ele voltasse à sua forma original.

Stumpp afirmou ter sido um "insaciável bebedor de sangue" por vinte e cinco anos. Empanturrou-se não apenas de cabras, cordeiros e ovelhas, mas, igualmente, de homens, mulheres e crianças. Sob tortura, ele admitiu ter matado e comido quatorze crianças e duas mulheres grávidas, cujos fetos ele arrancou de suas barrigas e "comeu seus corações, ainda quentes e ofegantes". Eram órgãos que ele, mais tarde descreveria, lhe caíam como guloseimas. Uma das quatorze crianças era seu próprio filho, cujo cérebro ele havia devorado. Durante seu interrogatório, dissera

às autoridades: "O cérebro tem sido a maior iguaria de toda a minha vida".

Disse, ainda que, certa vez, avistou dois homens e uma mulher caminhando além dos muros da cidade de Belburg. Quando estes passaram por ele, escondeu-se atrás de um arbusto. Então, chamou um dos homens pelo nome e explicou que precisava de ajuda para serrar madeira. Quando o jovem se juntou a ele, longe dos olhos dos companheiros, Stumpp partiu-lhe a cabeça. Porque o jovem não voltava, o seu amigo foi procurá-lo. Também foi assassinado.

Temendo o perigo, a mulher se pôs a fugir, mas Stumpp conseguiu alcançá-la. Os corpos vilipendiados dos dois homens foram encontrados, mas o da mulher jamais o foi. Depois de estuprá-la e matá-la, Stumpp — aparentemente — a devorou completamente. No total, o número de suas vítimas ascendeu a dezoito.

Peter Stumpp foi, portanto, acusado de homicídio periódico e canibalismo. Também lhe pesou a acusação de incesto, porque tivera

relações com sua filha Sybil. Alguns afirmam que o seu filho era o produto dos estupros perpetrados em sua filha. Mas, quanto a este assunto, careço de outras informações e relato-lhe, para a sua informação, este detalhe. Além disso, a relação que manteve com uma parente distante também era considerada incestuosa pela lei em vigor, e os três foram condenados à morte. Além de todos esses crimes, o acusado também admitiu ter tido relações com um súcubo que lhe fora enviada pelo demônio.

A execução de Peter Stumpp, sua filha Sybil e sua amante Katharina ocorreu em 31 de outubro de 1589 e foi uma das execuções mais excruciantes jamais vistas. Peter Stumpp havia sido condenado a passar pelo calvário da roda. Depois de ser amarrado à roda, a pele de seu torso foi arrancada em dez lugares com uma pinça em brasa e, em seguida, seus braços e pernas foram esfolados. Seus membros foram, então, quebrados com o lado cego de um machado (para evitar que ele, defunto, voltasse da sepultura). Depois, foi decapitado

e queimado na fogueira. Sua filha e sua amante já haviam sido esfoladas vivas e estranguladas, e seus corpos foram queimados juntamente com o de Stumpp.

Para alertar a população, as autoridades locais ergueram um poste onde estava colocada a roda, que tinha servido para torturar o condenado. Estava, agora, ataviado com a figura de um lobo e, no topo, adornado com a cabeça decepada de Peter Stumpp.

UM LOBISOMEM EM PALERMO

No *sestiere del Borgo* de Palermo vivia uma senhora muito devota, de honra e reputação imaculadas.

Certa noite, durante suas devoções, ela ouviu, sob a janela, o uivo sinistro de um lobo.

Espiando através das pesadas cortinas, ela viu, no pátio iluminado pela luar, não muito abaixo da janela, um monstro terrível. Enorme e esguio, ele avançava, exibindo os dentes brancos e afiados, preparados para rasgar e dilacerar. Entre as presas, assomava uma língua enorme e salivante. O animal mantinha o focinho erguido, farejando o vento com grande apetite.

A fera fez uma pausa e, depois, avançou furtivamente. De súbito, com uma agilidade demoníaca, deu um salto e escalou a própria *loggia*.

Cheia de coragem, e recomendando-se a Nossa Senhora e a Santa Rosália, a senhora

empunhou uma adaga afiada e corajosamente saiu para a varanda.

Com um grunhido e um estalido, a coisa saltou sobre ela. Os olhos da fera brilhavam com uma fúria infernal. Seu terrível hálito era quente, fétido e ofegante, e uma espuma escorria de suas mandíbulas arreganhadas.

Inspirada pelo Céu, ela atacou a besta com toda força. Enquanto o aço cortava profundamente, e com precisão, a fronte cabeluda, de onde escorria um sangue negro, o lobo pareceu encolher-se, caindo para trás. Claudicando, a fera refugiou-se rapidamente nas sombras.

Na manhã seguinte, chegou à casa da senhora um mordomo, seguido por dois servos, trazendo-lhe presentes valiosos como sedas e joias, vinhos raros e trajes suntuosos. Rogava que a senhora os aceitasse em nome de seu mestre, um príncipe da família reinante, a quem, por sua ação corajosa e piedosa, havia livrado da abominável licantropia, quando, em sua loucura, ele a atacara na noite anterior.

UM FATÍDICO CASAMENTO

Uma narrativa do século XVIII conta a história de uma família tártara, de uma casa da mais alta importância, que vivia em Pequim, e cujo filho era noivo de uma dama de linhagem igualmente antiga e aristocrática.

No dia do casamento, como é o costume chinês, a noiva foi levada à casa do noivo numa liteira cerimonial, e esta, de acordo com as tradições, estava cuidadosamente fechada, com os reposteiros cerrados. Acontece que, no instante em que a liteira passava por um velho túmulo, um súbito vento, forte e fugaz, levantou uma densa nuvem de poeira. Quando o cortejo chegou ao destino, saíram da liteira duas noivas idênticas em todos os detalhes.

Era impossível, a essa altura, interromper as núpcias. Mais tarde, à noite, os mais penetrantes gritos foram ouvidos na câmara nupcial. Quando a porta foi arrombada, o marido caiu inconsciente no chão, enquanto uma das noivas jazia, deitada, com os olhos arrancados

e o rosto coberto de sangue. Não se via qualquer vestígio da segunda noiva; todavia, após a busca feita com lanternas e archotes, um pássaro enorme e terrível, com manchas negras e cinza, dotado de garras formidáveis e um bico de abutre, foi descoberto empoleirado sobre uma viga do telhado. Antes que pudessem lançar mãos às armas, a coisa monstruosa desapareceu rapidamente, adejando porta afora.

Quando o marido recobrou os sentidos, contou que uma das noivas o havia golpeado repentinamente no rosto com sua manga ricamente bordada, cujas joias, atingindo-o, o deixaram atordoado por um momento. Um segundo depois, um enorme pássaro voou sobre ele e vazou-lhe os olhos com o bico vulturino.

O hediondo vampiro havia cegado o casal recém-casado.

CHANG KUEI E A MORTA-VIVA

No ano de 1751, um mensageiro chamado Chang Kuei foi enviado às pressas de Pequim com um despacho governamental urgente. Tarde da noite, depois de passar por Liang Hsiang, sobreveio uma violenta tempestade, cujas rajadas de vento apagaram completamente sua lamparina. Felizmente, ele percebeu, a alguma distância, uma humilde estalagem e para lá se dirigiu, pois era absolutamente impossível prosseguir na escuridão. A porta foi aberta por uma jovem mulher, que o conduziu ao albergue e levou seu cavalo até um pequeno estábulo contíguo.

Naquela noite, ela o recebeu em sua cama, prometendo colocá-lo no caminho certo ao amanhecer. Mas, na verdade, o mensageiro só acordou muitas horas depois. Ao despertar, entorpecido de frio, viu, para a sua surpresa, que estava deitado sobre uma tumba situada em meio a denso matagal, enquanto seu cavalo jazia amarrado a uma árvore vizinha.

O documento somente foi entregue doze horas depois do prazo previsto. Portanto, interrogado sobre incidente que motivou o seu atraso, Chang Kuei relatou toda a circunstância. O magistrado ordenou que fossem realizadas investigações no local e descobriram que uma garota chamada Chang, uma prostituta comum, havia se enforcado na floresta alguns anos antes. Souberam que várias pessoas haviam sido atraídas àquele lugar para desfrutar dos favores da defunta, e, assim, ficaram detidas da mesma forma que o mensageiro imperial.

Logo ordenaram que o túmulo da jovem Chang fosse aberto. Encontraram o seu corpo perfeitamente preservado, robusto e de pele rosada, como se a jovem estivesse apenas embalada num sono suave. Sob a direção das autoridades, o cadáver foi queimado e aquele local deixou de ser assombrado.

UM VAMPIRO DA CHINA

O vampiro chinês — *Ch'ing Shih* — é considerado um demônio que, ao tomar posse de um corpo morto, preserva-o da corrupção devido ao seu poder predatório, com o qual se aproveita de outros cadáveres ou de pessoas vivas.

Os chineses acreditam que um homem tem duas almas: a *Hun*, ou alma superior, que compartilha da qualidade dos bons espíritos; e a *P'o*, ou alma inferior, que geralmente é maligna e pode ser classificada entre os *Kuei*, ou seja, espíritos malignos. Acredita-se que, enquanto qualquer parte do corpo, mesmo que seja apenas um pequeno osso, permanece íntegra, a alma inferior pode utilizá-la para se tornar um vampiro. Se, particularmente, o Sol ou a Lua brilham intensamente sobre um corpo insepulto, o *P'o*, então, adquire energia hábil a produzir e obter sangue humano, com o que amplia a sua vitalidade vampírica.

Quanto à aparência, o monstro chinês é muito semelhante ao vampiro europeu, pois tem olhos vermelhos, enormes garras afiadas ou unhas contorcidas.

Um preceptor chamado Liu, que morava com uma família a alguma distância de sua terra natal, obteve uma licença para realizar suas devoções no túmulo de seus ancestrais.

Na manhã em que o professor deveria retomar as suas atividades, a sua esposa entrou, bem cedo, no quarto onde ele dormia, para chamá-lo, a fim de que o mestre pudesse partir em tempo hábil em sua viagem. Mas, para seu horror, quando ela se aproximou da cama, viu, estendido sobre o leito, um corpo sem cabeça, embora não houvesse nenhuma mancha de sangue sobre os lençóis.

Tomada de medo, a mulher imediatamente deu o alarme, mas as circunstâncias eram tão surpreendentes que o magistrado ordenou a sua prisão, suspeita de ter assassinado o marido. Apesar de protestar por sua inocência, a esposa foi detida sob custódia até que investigações mais profundas fossem rea-

lizadas. No entanto, nada veio prontamente à tona para lançar uma luz sobre o mistério.

Todavia, três dias depois, um vizinho, que recolhia lenha na encosta de uma colina, vislumbrou um grande ataúde, com a tampa parcialmente erguida, que parecia ter sido curiosamente colocado nas proximidades de um antigo sepulcro abandonado. Aquela descoberta suscitou-lhe as maiores apreensões. Então, ele convocou várias pessoas da vila antes de atrever-se a investigar a causa daquela inusitada circunstância.

Advertidos, os vizinhos se aproximaram do caixão e rapidamente removeram a tampa. Dentro dele, repousava um cadáver que conservava a fisionomia de um homem vivo. Sua face era indescritivelmente brutal e hedionda; seus repulsivos olhos vermelhos brilhavam ferozmente; longos dentes brancos chamuscavam os lábios enrubescidos, cobertos por uma espuma de sangue e saliva. Em suas mãos magras e ossudas, guarnecidas de unhas compridas como as garras de um abutre, o cadáver

segurava a cabeça que faltava ao infeliz mestre Liu.

Imediatamente, alguns vizinhos procuraram as autoridades, que, tendo ouvido o relato, correram à colina sob escolta armada, chegando ao local bem antes do pôr do Sol. Era impossível remover a cabeça das mãos do cadáver sem lhe cortar os braços. O sangue escarlate jorrou caudalosamente, inundando o caixão, quando os braços foram decepados.

Encontraram a cabeça de Liu ressecada, sugada e exangue. Prontamente, as autoridades ordenaram que ataúde e seu conteúdo fossem imediatamente reduzidos a cinzas em uma poderosa pira, enquanto a viúva do preceptor era imediatamente libertada da prisão.

Free Books

http://www.freebookseditora.com/

Na composição deste livro, empregaram-se as fontes Palatino Lynotype, Brush Script MT, Cloister Black, 001 Medieval Daze e AgsanalUPC.